



Rogério mostra, num ar de felicidade, a Taça Latina ganha pelo Benfica

A "TAÇA LATINA" em poder do BENFICA

A "FINAL" MAIS EMOCIONANTE QUE ATÉ HOJE SE CONHECE...

OS entusiastas da nobre arte deverão aprovar esta imagem de acentuado sabor pugilístico aplicada, quere-nos parecer que de maneira exacta, ao encontro de futebol que no último domingo benfiquistas e girondinos disputaram para a final da Taça Latina.

No primeiro assalto, Benfica foi mais agressivo, mas, entre outros, encaixou um *directo*, que o obrigou a ajoelhar.

No segundo *round*, Benfica, embora animoso jogou abaixo das suas possibilidades. Muitas paragens, muitos alheamentos, algumas incompreensões no jogo ofensivo. Apenas mais personalidade na defesa. Trocaram-se alguns golpes duros, mas o certo é que os contendores denunciavam fadiga. Girondinos pareciam passar o tempo, confiando numa vitória por pontos. Porém, o diabo tece-as. A vinte segundos do final, Benfica desferiu golpe certo, de terrível eficácia, proveniente de uma desatenção fatal na defesa do adversário. Este caiu redondamente no tapete da relva e teria decerto ficado K. O. se o *gong* não o houvesse salvo do colapso.

No assalto seguinte — o terceiro, que durou trinta minutos — Benfica procurou beneficiar das circunstâncias, massacrando sem dó nem piedade, mas o antagonista defendeu-se com tino e calma. Esteve algumas vezes *groggy*, ao suportar saravada de golpes, na maioria, porém, desferidos de maneira desconexa e irreflectida.

O quarto e quinto assaltos apenas duraram dez minutos. Os adversários evidenciavam cada vez mais fadiga principalmente os Girondinos, cuja preocupação dominante continuava a ser a da defesa, pouco se aventurando no ataque.

Aos 6 minutos do sexto assalto, tudo ficou decidido. A despeito dos Girondinos apresentarem melhor compleição atlética, o triunfo acabou por sorrir ao contendor que, na verdade, dispunha de mais resistência. Um pequeno golpe mas certo, aplicado no melhor instante, e o grupo francês caiu para não mais se levantar.

Vitória merecida — O Benfica esteve longe de exibição brilhante — mas mereceu a vitória. Ao invés, os Girondinos forneceram, mais uma vez, noção verdadeira de homogeneidade e de supremacia em vários aspectos do jogo — mas foram batidos pela maior ligeireza de movimentos e capacidade de resistência dos adversários, entre os quais apenas os avançados agiram em plano secundário.

Os franceses passaram vezes sem conto, de jogo defensivo para o de ataque com arte e saber, revelando superioridade em pormenores de execução; todavia, ficaram embaraçados sempre que os benfiquistas punham na luta mais rapidez, correndo quase tanto como a bola.

Quando os adversários acumulavam deslizes sucessivos em muitos lances ofensivos, passando e desmarcando-

-se deficientemente, os girondinos cometeram o erro fatal de concentrar na defesa todas as atenções, talvez cogitando, o que aliás esteve pretes a acontecer, que a vantagem de um tento, cedo adquirida, seria suficiente para arquivar um triunfo muito cobiçado. Depois, quando as suas pretensões ruíram como um castelo de cartas, já não tiveram desenvoltura nem moral para operar uma reviravolta na marcha dos acontecimentos.

Fadiga natural ainda mais revelou a lentidão de movimentos posta ao serviço de ataques falhos de consciência. Poderá dizer-se que antes de sofrerem segundo golo, os visitantes já estavam bem batidos.

Chelos de moral, combativos até o espírito de sacrifício, os benfiquistas obrigaram os adversários a acantonar-se na defesa e dispuzeram, com relativa tranquilidade, de alguns contra-ataques aventureiros.

Como tínhamos previsto nestas colunas, há oito dias, a velocidade e o ânimo dos portugueses destroçaram o mais completo arco-boleio técnico dos campeões de França. A velocidade constitui a arma poderosa dos portugueses. Mais uma vez ficou provado.

Se os avançados benfiquistas houvessem estado um pouco mais felizes em todas as incidências de jogo (basta recordar, por exemplo, que três remates levaram a bola a esbarrar contra a trave) a vitória da equipa lusa tomaria decerto consistência logo na primeira parte, podendo até permitir no final de jogo números bem expressivos.

A falta de inspiração dos dianteiros *encarnados* quase provocou o descalabro da equipa. Esta, no entanto, mesmo desfavorecida por constantes deficiências na ordenação dos lances ofensivos, ainda conseguiu sempre ser mais perigosa nos movimentos atacantes.

Confrontos — Confrontemos agora a acção global dos finalistas da Taça Latina.

Na mudança de jogo defensivo para o ofensivo houve mais método e consciência por parte dos franceses. Estes também tiveram a vantagem de uma mais perfeita execução individual — o que já não constitui novidade nestas pugnas internacionais.

Ao passo que os bordeleses gloriavam-se das descidas com lentidão, os lisboetas faziam-se valer de vivacidade e rapidez

— dois triunfos preciosos dos nossos futebolistas.

Ambos os redutos defensivos denunciaram segurança, mas o dos franceses foi mais duramente posto à prova. Por esse motivo o guarda-redes Astresse teve oportunidade de brilhar mais, mas muito mais, que o benfiquista Bastos.

Os médios do ataque agiram em plano nivelado.

E entre os avançados das duas turmas anotavam-se as virtudes e os defeitos atrás citados. Por isso escasseavam os remates de categoria. Mas em tão importante capítulo ainda foram os lisboetas os mais positivos. A sorte, porém, fez-lhes negações várias vezes em que introduzir a bola nas redes parecia constituir a tarefa mais simples. Principalmente na primeira parte golo em série perderam os campeões de Portugal.

Em suma: vitória merecida do Benfica. Vitória que poderia ter sido bem expressiva se a não complicassem demasiadamente os avançados.

Citações individuais — No Benfica, o jovem guarda-redes Bastos não teve ensejo para brilhar em defesas difíceis. Mostrou, porém, confiança nos recursos próprios, o que já representa muito.

O trio defensivo — Jacinto, Felix e Fernandes — não deixou os seus créditos mal firmados, antes pelo contrário.

Nos médios de ataque, o veterano Moreira foi simplesmente admirável. Que portento de energia e de espírito de batalhador! José da Costa, substituto de Francisco Ferreira, também voltou a dar indicações positivas de valor.

Entre os avançados, destaque-se o infatigável e ligeiro Arsénio. Rogério alternou lances de efeito com outros de marcada infelicidade. Parece ter perdido faculdades de rematador. Como sempre, falta de decisão e de convicção na luta pela posse da bola. Rosário só na parte final do disputadíssimo desafio conseguiu algumas jogadas meritórias. Corona foi o mais insistente rematador da equipa, mas também o que mais deficiências evidenciou na execução do remate. E é pena, porque se trata na verdade de um elemento rápido, enérgico e decidido e também por vezes à altura de exibir bom domínio de bola. O avançado-centro Júlio, embora acusando os efeitos duma lesão, lutou arduamente, ressentindo-se em muitos lances a sua tarefa de utilidade.

Na equipa dos Girondinos, o guarda-redes Astresse esteve em evidência. No primeiro golo sofrido, da autoria de Arsénio, não teve culpas. Foi a bem dizer batido à queima roupa. No segundo, teve um lapso comprometedor. Socou debilmente a bola, vinda de um canto marcado pelo extremo-esquerdo Rosário, não suportando acto continuo uma carga regularíssima de Júlio. Nos vestiários os franceses alegraram que o lance havia sido precedido de falta, porque Astresse teria sido vítima de um empurrão, mas se houve falta nós, pelo menos, não conseguimos descobri-la. O que várias vezes observamos — isso, sim — foram os pequenos empurrões aplicados por Astresse aos avançados do Benfica, quando na disputa de bolas vindas por alto...

Swiatec foi o mais categorizado dos elementos do trio defensivo. Merignac preocupou-se demasiadamente com o extremo à sua guarda... Garriga, sempre perigoso na execução dos *lives*, cumpriu sem grandes rasgos.

M. Bareck e Gallice actuaram mais sobre a defesa, desta vez. Gallice, porém, apareceu em vários momentos na zona da frente, tendo até alguns remates mal intencionados.

Nos dianteiros, Persillon e Meyneiu pouco se distinguiram. Kargu, o avançado-centro, apenas brilhou na primeira parte do encontro. O interior-direito Mustapha revelou categoria, mas entrou em falta muitas vezes, com manifesto prejuízo para a sua equipa. Dolye, na extrema-esquerda, foi o que mostrou mais rapidez e combatividade.

Boa arbitragem — Embora tendo de actuar durante 2 horas e 26 minutos (duas partes de 45 minutos, um prolongamento de 30, dois de 10 e outro de 6, e mais haveria até o momento em que uma das equipas obtivesse o golo do desempate) o árbitro italiano Giacomo Bertolio dirigiu com acerto a partida, em todos os pormenores, impondo-se aos jogadores e ao público. Foi muito bem secundado pelos juizes de linha seus compatriotas, Luigi Gemini e Vincenzo Orlandini.

Uma saudação — Campeões nacionais e conquistadores da Taça Latina, os benfiquistas puderam esta época prestigiar o futebol português.

Está de efusivos parabéns a numerosa e unida família do Benfica de aquíem e além-mar!

Série II — Ano VIII — N.º 394
Lisboa, 21 de Junho de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone: 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Frangentes

O FUTEBOL PRECISA DE ORGANIZAÇÃO MAIS ACTUAL E MAIS SÉRIA

por MÁRIO SANTOS

ESTE fim de época — que apenas se aguarda o triunfo do Benfica na «Taça Latina...» — bem poderia ser o início de uma era de trabalho mais profundo e sério na organização do futebol em Portugal.

Não nos faltam valores para levar a cabo a imensa tarefa que urge realizar. Apenas nos faltará congruar boas vontades...

Efectivamente, só questões de princípio nos separam — o que não representa, evidentemente, obstáculo para menosprezar. Mas a iniciativa que se tomasse para deixar que apenas a questão de fundo pela qual se interessam todos os apaixonados pelo jogo fosse estudada, equivaleria à resolução de uma equação a várias incógnitas. O resto, a divisão entre os homens, principalmente, leva-lo-ia o Diabo...

Custa a crer que a indiferença tão continuamente mantida nas altas esferas do futebol português ainda não tenha esclarecido quem mais deveria esclarecer-se e esclarecer. A situação é tão elucidativa que o manter-se este estado de coisas pode significar duas coisas terríveis: ou o propósito firme de tudo escangalhar ou a estúpida ideia de considerar perfeito o existente.

Ninguém que em Portugal se interesse pelo jogo acredita que o regime de transferências de jogadores está resolvido. A cada passo se deparam situações sujeitas a crítica mais vil só porque o que não cabe na legislação defeituosa que existe por isso mesmo se situa em ponto que desfeiteia a sinceridade e honestidade dos homens. A lei que existe ou eu presumo que existe teria sido feita para dirigentes honestos. Eu não duvido da sinceridade do legislador. Duvido, sim, é da sua aplicação justa e equitativa. A incompatibilidade do meio que é um dos casos da livre transferência é, já de si, uma expressão tão vaga, que só um desatinado poderia pensar que alguma vez mereceria o respeito dos dirigentes dos clubes. A mudança de residência é outra expressão que até parece mesmo o convite à transferência desonesta pelos escudos que se exibem à frente do pobre jogador que tem família a sustentar...

O «serviço militar» até no momento presente parece estar dando muito que falar...

De sorte que, ponderadas as imensas dificuldades que haverá em bem definir as legais condições da transferência dos jogadores, o melhor seria voltar à situação anterior — por mais honesta.

O jogador era um contratado do clube por um tempo determinado no compromisso desportivo primado. Passar esse tempo era livre para transferir-se. O sistema, aliás, nunca deu em Portugal motivo a reparos — a não ser àqueles que sempre teimaram em considerar o amadorismo como a única e legal situação dos atletas. Mas esses mesmos, na sua descuidada argumentação, aceitam, ao menos só por definição, a situação contrária ao seu ponto de vista.

O amadorismo puro fez a sua época. Não se ajusta já às exigências da vida desesperada que os homens são forçados a viver num tempo em que tudo é atômico. O repouso, a calma, a certeza interior de que o dia de amanhã aparecerá florido e melhor — não são realidades presentes.

Foram dos nossos avós mas as novas gerações têm delas uma já muito vaga recordação. Sendo assim, como parece que é, não será lícito pedir a um jogador que deixe correr a sua vida indiferente às regalias que o dinheiro ou uma melhor situação lhe podem dar na apressada existência que tem de viver, tão cheia de surpresas e de competições inesperadas.

Legislar no sentido em que venho expondo parece-me, pois, muito mais sensato do que teimar em conceder ao homem fumaças de uma ideologia que já não é a sua.

A justa observação destas pequeninas mas também grandes coisas que hoje comandam a vida dos seres humanos, podia, com certeza, não só equilibrar a vida dos jogadores e dos clubes como dar um fundo de seriedade a toda uma organização que, por sua amplitude e movimento, bem merece o respeito dos dirigentes supremos.

É fundamental que, para a realização desse trabalho, pouco mais será preciso que dotar a Federação de Futebol da legislação adequada e séria que o momento exige. O trabalho dos dirigentes estaria, assim, inteiramente salvo pelo respeito que a Lei lhes teria de merecer e cessavam, por exclusão de partes, as situações duvidosas que lançam no meio a crítica desavairada, acintosa e, por isso mesmo, desonesta.

No Estatuto, definir-se-iam os fins a que a organização se propõe, de impulso e comando ao que desportivamente estivesse no seu raio de acção, e fixar-se-iam os poderes fundamentais que houvessem de ser desempenhados pelos diferentes organismos dirigentes. Ninguém se atropelaria nem atropelaria aos outros. No Regulamento tudo es-

ATLETISMO

O Sporting é campeão de principiantes

OS campeonatos regionais de principiantes concluíram na quarta-feira com uma jornada interessante, embora desigual no valor e na animação das diversas provas.

No salto à vara apenas compareceram dois concorrentes, um dos quais apenas transpôs o mínimo e o outro ficou em 2^o,90; nas barreiras, de dez inscritos só quatro responderam à chamada. Em contrapartida alinharam, para o quilómetro, 25 corredores, número exagerado para a regularidade de uma prova; felizmente tudo correu pelo melhor.

A luta entre clubes continuou a travar-se entre o Sporting e o Belenense, com o Benfica em melhor plano do que na primeira jornada, mas mesmo assim inferior às suas tradições.

O melhor resultado da tarde pertenceu ao sportinguista Menilha nos 300 m.: 35,8 s., novo recorde da categoria e um dos melhores nacionais (recorde absoluto, Sampaio Peixoto, 35,7 s.). O novo recordista, muito rápido e possante, deve evidenciar-se na especialidade.

O belenense Mário Guedes conquistou o seu terceiro título nos 1000 m., que percorreu em 2 m. 44,7 s., precedendo de três décimos de segundo o seu companheiro Raul Gonçalves, rapaz com maravilhosas pernas para o meio-fundo curto, passada amplíssima, mas de aparência muito frágil. Um ano de ginástica em mãos competentes e teremos uma revelação; mas porque seria que o mandaram saltar tripo, onde não conseguiu chegar à caixa, com risco de lesão num calcanhar e muscular? Pareceu-nos imperdoável erro, para simples conquista de um ponto.

O benfiquista Albuquerque lançou disco a 35^o,32, novo recorde se a categoria lhe for confirmada. Este atleta está numa condição muito especial, e, paradoxalmente, tão certo é o critério que o classifica principiante como o inverso. Esperemos o que decide a Federação sobre o recurso interposto.

De qualquer forma, trata-se de um bom discóbolo, o mesmo se podendo dizer do segundo classificado, Francisco Marques (Sp.), 32^o,69.

Este mesmo Albuquerque atirou ainda o martelo de cinco quilos a 49^o,55 (outro recorde) e o dardo a 40^o,83, dominando largamente os adversários; sem lhe discutirem a legalidade de classificação na categoria, reconhece-se contudo que se trata de um atleta com formação muito superior à dos principiantes normais, pois conta de facto mais de dois anos de prática efectiva.

Aplausos ainda para dois triplo-saltadores: Pignatelli (Sp.), 12^o,85 e R. Gomes (B), 12^o,80, que travaram luta empolgante e demonstraram ambos boas qualidades, embora diferentes: ligeireza o primeiro, poder o segundo.

O Sporting, que melhorou ainda o recorde da estafeta 4x100 m. para 45,7 s., triunfou folgadoamente na poucação geral, com 146 p. e 7 títulos; seguem-se-lhe Belenenses, com 85 p. e 5 títulos e Benfica com 4 títulos e 80 p.

Caso não seja confirmada a admissão de Albuquerque, os três títulos dos lançamentos passam para o Sporting.

SALAZAR CARREIRA

ARCÁDIA

DANCING
DE LUXO
VARIEDADES às 0,30 e 2,15

EXITO
ESTRONDOSO DO **BALLET MONTENEGRO**

Adoracion Reys — Mary Mely — Herm. Goyecas —
Herm. Baron — Herm. Avila — Perla de Levante —
Luisa Royo — Mary Arilla — Esperanza — Maruja
Vicenta — Merche — May Ott — Visi — Vik

DUAS ORQUESTRAS
Nocturnos e Arcádia

VEM A LISBOA?

NÃO DEIXE O SEU CARRO AO ABANDONO SUJEITO A ROUBOS,
DANOS E DETERIORAÇÕES

RECOLHA-O NA GARAGEM CARAVELA

onde encontrará em qualquer dos seus três pisos um
espaço reservado a viajantes e uma modicar estação
de serviço para assistir ao seu carro

OLEOS — GASOLINA

GARAGEM CARAVELA

LARGO DO MASTRO, 29-A, 29-D (Ao Campo de Santana) - LISBOA

taria também fixado e certo, ilibando os homens de responsabilidades inesperadas e muitas vezes superiores à sua própria capacidade de resolver.

Por esses dois documentos se guiariam, também, os clubes, — fonte principal do desenvolvimento do jogo.

Não vejo que a dificuldade em o fazer seja intransponível. Nem

veja, por igual, que a oportunidade apareça mais além. O tempo em que estas regras deixaram de ser respeitadas não correu a favor da organização futebolística do País. Se os homens responsáveis não se aperceberam disso ainda, é porque nem têm conhecimento do que foi o passado nem têm na devida conta as necessidades do futuro.

A PESCA

DESPORTO A DESENVOLVER
EM PORTUGAL



A cana vergou. Do alto do rochedo, o pescador desportivo vai puxar a linha enquanto os seus ajudantes se preparam para a manobra final



Ei-lo, luzidio e irrequieto, tentando libertar-se do ferro do anzol, mas o homem do camaroeiro estava atento...



As senhoras interessam-se pela pesca e não são menos entusiásticas que os homens. Esta simpática pescadora é uma nota de encanto e suavidade entre a bravura do mar e a aspereza dos rochedos

UMA VISITA ao clube dos Amadores de Pesca de Portugal

A sede do Clube dos Amadores de Pesca é um recanto agradável onde se sente o ambiente que orienta a finalidade do clube. Salas e gabinetes acolhedores e confortáveis, decorados com quadros e motivos de pesca, apetrechos, artisticamente dispostos, fotografias e pinturas de várias espécies de peixe, loiças igualmente a condizer, candeeiros em ferro forjado, representando peixes nas suas curvas graciosas e um bar, o *Bar Carpa*, onde está embalsamada uma das espécies mais valiosas que os sócios do clube conquistaram aos rios.

Por ali ficámos trocando impressões com dois elementos do clube, os srs. Manuel Prestes Valério, actual presidente da direcção, e Carlos Boniz, secretário que, diga-se desde já, a pesca desportiva tem a sua organiza-

ção, a Associação Regional e a respectiva Federação, pois que há já muitas secções de pesca nos vários clubes do país e dois outros clubes no Porto.

Nota-se agora um maior incremento ou entusiasmo pela pesca. Pelo menos, já é uma organização. E isto de pescar por prazer, sem olhar ou querer saber da quantidade de peixe, ou do seu aproveitamento como alimento, não é de hoje, nem de ontem. Temos de recuar muitos anos e saber que Marco António era um entusiasta da pesca; que, em 1892, uma lei do nosso D. Afonso V protegia a pesca dos amadores.

Há o amador-pescador e o pescador-desportivo. Aquele procura um divertimento aliado a um re-

(Continua na página 14)



Dois ases da pesca desportiva, o prof. Arsénio Cordeiro e o realizador Jorge Brum do Canto



Um grupo de pescadores do rio, que parecem fazer parte do ambiente

OS CAMPEÕES MUNDIAIS DE HOQUEI

são aclamados em Lisboa e no Porto



No Porto, os campeões do mundo são calorosamente aclamados



No Pavilhão dos Desportos, em festival de homenagem, a equipa nacional de hóquei em patins, perfilada, aguarda o sr. director geral dos Desportos que entregará aos internacionais medalhas comemorativas



Os clubes da especialidade, com os seus estandartes, num vistoso conjunto, participaram na festa de homenagem aos Campeões do Mundo



Junto da meta, as tripulações do Fluvial e S. Clubs do Porto seguem a par



O 8 do Fluvial apurado para disputar o Porto-Lisboa, após ter batido o Sport Clubs do Porto por um comprimento

CORRIDAS DE MOTOS NO PORTO

1 — António Pinto, vencedor da prova de motos de 500 c. c., junto de seu pai, Inocêncio Pinto, antigo e grande corredor, após ter ganho com brilho

2 — António Pinto Correia, vencedor da prova de motos de 350 c. c., tendo a seu lado António Pinto, 2.º classificado.



A Pesca Desportiva

(Continuação da página 4)

sultado económico e por isso procura pescar da forma mais fácil. O pescador-desportivo agrada-lhe somente pescar da forma mais difícil, a que lhe produza maior emoção e em locais onde a luta entre o peixe e o pescador assumam aspectos de verdadeira competição. E atinge-se o entusiasmo entre a defesa do peixe em fuga e o interesse do pescador em manter a sua captura. E por vezes a luta é demorada. Na água o peixe com as suas sutilezas e manhas naturais para se libertar, de terra o pescador empregando os seus conhecimentos, a sua ciência. Além disso o pescador-desportivo pratica o alpinismo, o campismo, executa rijas marchas através de áreas e de margens de rios, em demanda do seu local predilecto, em busca do sítio onde as condições lhe indiquem a boa pesca. Tem de conhecer condições de tempo, correntes dos rios, há que haver bons pulmões, e o coração a funcionar como deve. O exercício é constante.

Temos em Portugal condições magníficas para alargar o desporto da pesca. Nos nossos rios existem as espécies mais variadas que há no mundo, podendo assegurar-se que Portugal tem esse extraordinário valor dadas estas condições especialíssimas: situação geográfica privilegiada; grande variedade de peixes e em quantidades apreciáveis, mais do que em qualquer outro país. Além de tudo a pesca desportiva é seguramente um dos grandes motivos turísticos e fonte de receita.

É preciso de facto interessar muito mais gente no prazer da pesca desportiva. Talvez que noutros países se tenha avançado um pouco mais depressa

mercê do interesse e da experiência própria dos seus governantes, como por exemplo em Espanha onde o generalíssimo Franco e o ministro das Relações Exteriores são apaixonados pela pesca-desportiva — se bem que entre os muitos sócios do Clube dos Amadores de Pesca de Portugal estejam inscritas as melhores figuras da nossa sociedade, entre elas o sr. engenheiro José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas.

Por vezes organizam-se campeonatos ao fim dos quais se estabelecem os recordes dos maiores peixes pescados. São os grandes momentos de entusiasmo dos pescadores-desportivos. Reunem-se numerosas inscrições e estão sempre presentes, entre tantos, dois nomes conhecidos como os de maior fama entre os amadores da pesca, o prof. Arsénio Cordeiro, que ainda há pouco fez um concurso brilhante na Faculdade de Medicina e Jorge Brum do Canto, o consagrado realizador de cinema.

Apontemos alguns peixes que estabeleceram os últimos recordes; uma corvina com 25 quilos pescada por António Avelar Sobral; um cação com 23 quilos, pelo mesmo pescador; um robalo com 6 quilos e 930, pelo sr. Francisco Pernas; um pargo com 5 quilos e 500 gramas pelo sr. Ewald Micklely; e tantos outros, todos com os seus nomes técnicos anotados, como esta unidade, pescada em Peniche, um «Gadus Poelachines».

A pesca desportiva está, pois, tomando um desenvolvimento de veras interessante, e aliando às vantagens que dispensa a quantos a praticam o interesse que representa como propaganda turística. Belo e apaixonado desporto.

FERNANDO SÁ

2 provas ciclistas - 2 vencedores

A inconstância do tempo impediu a realização de dois festivais de independentes, em dois sábados sucessivos. Desta maneira os dois domingos correspondentes foram apenas animados com duas provas de amadores sem distinção de categorias. Tiveram, entretanto, o atractivo de permitir os primeiros embates entre amadores seniores e juniores do sul, após a conclusão dos respectivos campeonatos regionais. E tiveram, também, características diferentes um circuito de certo modo pequeno, percorrido cinco vezes, e uma prova num só circuito, mais longa, a roçar pelo dobro da quilometragem que se registou para a primeira.

Em duas semanas, dois vencedores: em Queluz, Artur Gomes, que se isolou numa arrancada emotiva para a «meta»; e Armando Pereira, que apenas se pôde destacar quasi no fim da calçada de Carriche, para concluir o percurso com um avanço que não foi além de três segundos. E' todavia de notar que Artur Gomes ficou fora do pelotão, com um salto de corrente na altura pior para ele — precisamente no começo da mesma calçada. Foi a sua segunda avaria na prova de domingo. Mas na primeira vez um «furo», teve margem bastante para «recorrala».

A classificação, para os primeiros lugares, depois do vencedor, reasentiu-se de uma queda próximo do estádio

«leoninos». Eduardo Nicolau, Américo Raposo e Ernesto Ludovino perderam, com o acidente, bastante tempo. De comum, nas duas provas, houve, de mais saliente, a dupla vitória do Benfica — individualmente e por equipas. O Sporting segundo, por equipas, em ambas.

No domingo, os primeiros postos foram conquistados como segue: 1.º Armaudo Pereira (Benfica), 2h 36m 12s; 2.º José Trindade (Sporting), 2h 36m 15s; 3.º António Lopes (Campo de Ourique), 2h 36m 30s; 4.º Américo de Almeida (Benfica); 5.º Inácio Sousa (Sporting); 6.º Fonseca e Silva (Sporting); 7.º Jorge Oliveira (Benfica), todos em 2h 36m 50s; 8.º Artur Gomes (Benfica); 9.º Eduardo Nicolau (Benfica); 10.º Américo Raposo (Sporting).

★

No estádio do Lumiar disputou-se hoje, às 21 e 30, o primeiro festival de pista da época. Tardou, pelo motivo já indicado — o mau tempo. Mas a série, da iniciativa do Benfica e do Sporting, abre com um programa esplêndido, valorizado espacialmente com a colaboração de dois campeões de classe mundial — os belgas Brunel e Albert Buys, com nome firmado em americanas «Seis dias».

O programa engloba duas provas internacionais, e duas corridas de amadores.

M. de O.

CAMPEONATOS NACIONAIS DE PRINCIPIANTES

Os campeonatos nacionais de principiantes não foram a réplica dos regionais apenas porque o Sporting de Braga — honra lhe seja prestada — enviou a Lisboa um grupo de quatro atletas. De Coimbra e do Porto, onde tanto se fala de resurgimento, nem amostra. Esta é o caso de considerar estranho porque estas cidades perdem assim o direito de requerer para si organizações oficiais, com o sacrificio da deslocação dos clubes lisboetas, que não é retribuída.

Estas duas jornadas foram, sob o ponto de vista técnico, muito apreciáveis e os seus resultados deixam-nos reconhecer um bom lote de novos valores: os sportinguistas José Mealha, António Simões e João Caetano; os benfensinos Mário Guedes, Rui Ramos e Raul Gonçalves; o Benfiquista Albuquerque, o bracarense Antunes e o tamenino da Luz Roberto Durão, possuem, a título vários, estofos para irem longe. E outros nomes poderíamos, sem favor, acrescentar à lista.

Os aspectos mais característicos deste torneio, foram a esmagadora superioridade da equipa sportinguista e a fraqueza da representação do Benfica, que foi bem suplantado pelo Benfensino.

O Sporting conquistou nove títulos, o Benfensino quatro, o Colégio Militar um e o Benfica dois, sujeitos à decisão do caso Albuquerque, como já dissemos difícilmente de resolver, pois ambas as soluções antagónicas são fundamentadas por sólidos argumentos. A Federação deve apreciar o problema na sua próxima reunião e resolvê-lo, sem possibi-

lidade de satisfazer todos quantos julgam conhecer a razão.

No decurso do campeonato, os quartetos do Sporting e do Benfensino melhoraram os seus recordes das estafetas de 300 e 1000 m. e foram superadas duas marcas individuais de concursos. Roberto Durão, em estilo quase perfeito, transpôs com a vara 3m.41, a melhor marca absoluta desta temporada e a oitava de todos os tempos; e o mais novo dos Pignatelli saltou em triplo 13m.43 (oitava marca portuguesa), com excelente aproveitamento de francas capacidades atléticas, mas imenso gelito, ótima escola e real classe em embrião.

O benfensino Mário Guedes foi outra figura de realce, ganhando os 1000, os 3000 e a estafeta, com acentuada vantagem sobre os adversários.

O discutido Albuquerque é, de facto, um esperançoso lançador do martelo; no disco e no dardo agradou-nos menos, lançando muito contraído e em estilo rudimentar. Tem força, e por isso atrai longe. O mesmo se pode dizer de Francisco Marques, magnífica estampa de atleta, que atrairá longo quando tiver aprendido a técnica da sua difícil especialidade.

Citemos também o bracarense Mendes Antunes, que se bateu briosamente e alcançou honrosas classificações. Tem futuro em velocidade prolongada, corridas estas em que o campeonato nos revelou dois autênticos valores: Mealha e Coutinho, de características diferentes mas ambos de boa classe.

SALAZAR CARREIRA

CAPAS PARA ESTOFOS DE AUTOMÓVEIS

Em libra lacada americana de 1.ª qualidade — Em stock para Chevrolet, Plymouth, De Soto, Vauxhall, Citroen e para outras marcas por medida feitas em 8 horas, tecidos de seda exclusivos

CASA VÍTOR SILVA

Rua Andrade Corvo, 15 — Telefone 4 1391 — LISBOA



Fábrica de Saltos em Madeira

ESTRELA L. DA

=

BAIRRO INDUSTRIAL — Estrada de Lourel — SINTRA — Telef. 411

DEPOSTO EM LISBOA — Telef. 20304

OFICINA DE PINTURA

F. AGUIAR, L. DA

Tabuletas, Letreiros em todos os géneros, Decorações, Douramentos, Pintura a óleo e à pistola

R. dos Anjos, 79-C — LISBOA — Telef. 52526

CAMBISTA TESTA

Foi quem vendeu os 3.000 contos da Lotaria de St.º António, e é o Testa que bate o recorde das sortes grandes extraordinárias

Bilhetes a . . . 300\$00
Vigéssimos a . . . 15\$00

Pelo correio mais 25\$0. Pedidos ao feliz CAMBISTA TESTA
Rua do Arsenal, 74-78 LISBOA

SPORTING

CLUBE DE PORTUGAL

Embora triunfante no Torneio da A. F. L., o Sporting passou ao «Nacional» dando a impressão que dificilmente manteria o título conquistado em 1947.

A retirada de Fernando Peyroteo e a baixa de forma de alguns dos seus «ases» davam realmente motivos para apreensões entre os adeptos «leoninos». E cedo se verificou que assim era.

Os sportinguistas bateram-se com muito valor e brio — como «leões» que se prezam! — mas o destino decidiu que outro seria vencedor. E o vencedor foi, como habitualmente o seu velho rival — e com nitidez igual à do primeiro ano da série de triunfos «leoninos»: 6 pontos de vantagem! Por pouco — e tudo parecia indicado que o fosse — não era batido o recorde estabelecido pelo Sporting em 1946-47, ao prefazer 47 pontos contra 41 do seu mais próximo competidor...

Os jogadores

A homogeneidade é um trunfo preciosíssimo numa equipa de futebol. E não se pode dizer que os «ex-campeões» de Portugal possuam presentemente esse trunfo. A defesa oscilou demasiado a despeito da boa forma de um elemento — Barrosa — e da excelente contribuição de um grande médio: Canário. Para mais, Azevedo, que continua a ser o pilar da equipa, não actuou com a regularidade que lhe é peculiar, pois intercalou excelentes exibições com outras más e com não poucas ausências.

Juvenil também decalou imenso. Chegou a ser substituído por Veríssimo — um jogador a quem falta classe mas não utilidade.

Por outro lado, Veríssimo foi bastas vezes substituído por um novo — o africanista Juca — que não destruiu as esperanças nele depositadas. E' visível a preocupação deste entreante em jogar bem e utilmente — e isso, só por si, é uma virtude.

Na linha avançada, a saída do famoso Peyroteo criou embaraços calculáveis. Wilson, a pesar da sua boa vontade, não conseguiu firmar-se, o que aliás não admira. Marcou muitos golos, é certo (foi o 2.º classificado geral de marcadores), mas nos desafios em que a sua obtenção era mais que necessária, gorava-se a sua pontaria.

Nos últimos jogos do «Nacional», apareceu no «cixo» do ataque, Jesus Correia, com notáveis resultados. A crítica considerou de tardia a passagem de Jesus Correia para

avancado-centro, aventando até que o Sporting teria ido muito mais longe se ela se tivesse efectuado mais cedo.

Talvez quem assim pensasse tivesse razão. Quanto a nós, julgamos que Jesus Correia, a jogar a avançado-centro, não manteria a mesma eficiência de que deu provas em quatro jogos, no mesmo numero de embates que suportou o jovem Wilson.

Os restantes elementos — Vasques, Travassos e Albano — com curtos períodos de forma menos apurada, actuaram em plano satisfatório. Tanto assim que todos eles tornaram a vestir, esta época, o «jersey» das cinco quinas...

Estatística

O Sporting obteve este ano 19 vitórias, um empate e 6 derrotas. Pertenceu-lhe a melhor marca de golos marcados (91) e a segunda em golos sofridos (35).

Wilson foi o melhor marcador da equipa, tendo apontado 22 golos. Jesus Correia marcou 19, merecendo destaque o facto de ter marcado 9 nos quatro jogos em que alinhou a avançado-centro. Os restantes marcadores foram Vasques, 13; Albano, 9; Guimomar, 7; Travassos e Verissimo, 4; Canário e Barrosa, 3; Martins e Juca, 2; Moreira e Mateus, 1; Curado, da Académica, na própria baliza.

★

Nos dezasseis torneios nacionais já disputados, o Sporting conquistou cinco 1.ºs lugares, sete 2.ºs e quatro 3.ºs. O melhor campeonato para os «leões» foi o da época 1946-47, em que estabeleceram o recorde de pontos (47).

Eis também a melhor marca de golos em cada ano: 1934-35: 6-0 (Académica); 1935-36: 9-1 (Boavista); 1936-37: 8-0 (Carcavelinhos) e 9-1 (F. C. Porto); 1937-38: 13-0 (Carcavelinhos); 1938-39: 7-0 (Académico); 1939-40: 12-0 (V. Setúbal); 1940-41: 9-0 (Boavista); 1941-42: 14-0 (Leça); 1942-43: 7-2 (Académica); 1943-44: 10-0 (Salgueiros); 1944-45: 8-2 (Salgueiros); 1945-46: 7-1 (Boavista); 1946-47: 8-0 (Olhanense); 9-1 (Elvas e Académica); 1947-48: 12-0 (Lusitano); 1948-49: 12-1 (Bavista); 1949-50: 8-1 (Sporting da Covilhã).

Na totalidade destes torneios o Sporting marcou já 1146 golos, sofreu 475, e em 304 jogos obteve 228 vitórias, 27 empates e 51 derrotas.

Espalmando «palmarés»!

VASCO SANTOS

A seguir: *Atlético Clube de Portugal.*

O FUTEBOL BENFICA voltou a ser campeão de Lisboa e apresenta-se para ganhar a taça «Fernando Adrião»

A actividade do hóquei em campo não pára — como a querer imitar o «sirmão» mais novo mas de muito maior projecção.

Logo que se concluiu o campeonato de Lisboa, 25.ª da série, principiou outra prova, na qual se disputa a taça «Fernando Adrião», homenagem justíssima da A. H. C. L. àquele que foi o melhor guarda-redes da modalidade e cuja acção ainda não está esquecida. O Adrião, que se encontra em Lourenço Marques, continua, pois, a ser lembrado — como se estivesse entre nós. No campeonato de Lisboa tomaram parte sete clubes, seis dos quais com duas categorias, pois somente o Hóquei Clube de Portugal apresentou uma; as outras colectivamente concorrentes foram o Ateneu, Atlético, Belenenses, Benfica, Futebol Benfica e Oriental — com a novidade da estreia dos marvilhenses e do regresso dos «caelitas». A presença do Ateneu e do Oriental contribuiu para animar a competição. Digna de realce, porém, a proeza do Futebol Benfica — que através do torneio apenas consentiu um empate... e dois golos! Os campeões (recordistas no numero de triunfos consecutivos) voltaram, conseguinte, a inscrever o seu nome na lista dos vencedores.

O primeiro campeonato disputou-se em 1924 e foi ganho pelo Hóquei C. P. No ano seguinte saiu vencedor o Internacional. E depois, desde 1926/27 até 1930/31, num período de cinco épocas, o Benfica chamou a si o triunfo, estabelecendo um «recorde» que durou 11 anos! De 1931/32 a 1933/34, durante três épocas, ficou vencedor o Internacional. 1934/35 viu a primeira vitória do Futebol Benfica, que repetiu no ano imediato, para ceder depois o passo ao Benfica (1935/37) e entrar então definitivamente no período áureo de seis triunfos consecutivos: em 1941/42 o «recorde» (5) estava igualado e em 1942/43 mudava de dono! Desde 1935 que os dois Benficus têm repartido entre si os títulos: o Futebol com 12 (os citados e ainda de 1945/46 a 1947/48 e agora: 1949/50); o Sport Lisboa contando 4 (aquele mencionado e também nas épocas de 1943/44, 1944/45 e 1948/49).

Para a última prova, registaram-se, jornada a jornada, os resultados seguintes: Na 1.ª — Atlético-Ateneu, 4-1 e 0-0 (4-1); Benfica-Belenenses, 1-0 e 3-0 (4-0); Futebol Benfica-Hóquei, 6-10 e 11-0 (17-0). Na 2.ª — Ateneu-Oriental, 2-1 e 0-0 (2-1); Atlético-Belenenses, 1-1 e 1-0 (2-1); F. Benfica-Benfica, 2-0 e 1-0 (3-0). Na 3.ª — Ateneu-Hóquei, 1-0 e 1-0 (2-0); Atlético-Benfica, 2-0 e 0-1 (2-1); Belenenses-Oriental, 2-0 e 0-1 (2-1). Na 4.ª — F. Benfica-Ateneu, 7-0 e 7-0 (14-0); Atlético-Oriental, 4-1 e 2-0 (6-1); Belenenses-Hóquei, 5-0 e 1-0 (6-0). Na 5.ª — Benfica-Ateneu, 5-1

e 9-0 (14-1); F. Benfica-Atlético, 2-0 e 1-1 (3-1); Oriental-Hóquei, 2-0 e 1-0 (3-0). Na 6.ª — Belenenses-Ateneu, 3-0 e 3-1 (6-1); Benfica-Hóquei, 15-0 e 3-0 (18-0); F. Benfica-Oriental, 3-1 e 6-0 (9-1); Na 7.ª — F. Benfica-Belenenses, 4-0 e 3-0 (7-0); Benfica-Oriental, 4-0 e 3-0 (7-0); Atlético-Hóquei, 4-0 e 4-1 (8-1).

Classificação final:

	T. V. E. D. Golos P.
F. Benfica	12 11 1 — 53-2 36
Benfica	12 9 — 3 44-5 30
Atlético	12 7 3 2 23-8 29
Belenenses	12 5 1 6 15-15 22
Ateneu	12 3 2 7 7-39 20
Oriental	12 3 1 8 7-26 19
Hóquei C. P.	12 — — 12 1-54 12

150

Curioso, em todos os aspectos, a carreira dos campeões. 53 golos para 12 jogos dá a média excelente de 4,416 — das melhores de sempre. E consentir apenas dois tentos (um de empate na Tapadinha e outro em Marvila) também é realmente muito bonito. Mas Benfica — a cinco pontos de distância — tem por si o «recorde» (15-0 ao Hóquei) e ainda o terceiro melhor resultado: 9-0 ao Ateneu. Salientem-se, por igual, as marcas mais expressivas no conjunto das duas partidas: 18-0 do Benfica ao Hóquei e 15-0 do Futebol Benfica ao Hóquei; 14-0 do F. Benfica ao Ateneu; e 14-1 do Benfica ao Ateneu. Em suma: as mesmas «vitimas», e, também, os mesmíssimos dois Benficus a imperarem!

Por último, digno de menção muito significativa, está o desportivismo do «velho paladino» do Hóquei Clube de Portugal — introdutor da modalidade e seu primeiro campeão — apenas fez um golo (ao Atlético) e só conheceu derrotas; mas continua na liça... E isto também é muito bonito — quanto mais não seja como espírito desportivo.

Em resumo, registou-se igualmente a vitória do Futebol Benfica — apenas com um empate (6-0 contra Benfica) e um golo consentido (Oriental). O campeão totalizou, portanto, 29 pontos. Seguiram-se: Benfica, 25; Atlético, 21; Oriental, 17; Ateneu, 15 e uma falta; Belenenses, 4 e 3 faltas. Mas chega-se à taça «Fernando Adrião» — e o Futebol Benfica vai a caminho de novo triunfo; bateu o Hóquei (9-0) na eliminatória e está apurado finalista — contra Belenenses o Benfica — por licença de sorteio. Belenenses derrotou Ateneu (2-0) e Benfica venceu Atlético (2-1). Por seu turno: Atlético eliminou Ateneu (2-0) na repescagem entre vencidos.

JORGE MONTEIRO



STADIUM
AO SERVIÇO DO DESPORTO

— CASA —

STADIUM

AO SERVIÇO DO DESPORTO

Tudo para todos os desportos
Camplismo e pesca desportiva

Fabricos próprios

ENVIAM-SE ENCOMENDAS PARA
A PROVINCIA E COLÓNIAS

Telef. 31850 182, RUA DA MADALENA, 182-A

DESPORTISTAS Canadianas
MOTOCICLISTAS E AUTOMOBILISTAS
e malaias
de verão

PREFIRAM AS DA **ALFAIATARIA PORTO CHIQUE**

Caminho Forno de Tijolo, 9-A — Telef. 5 38 69 — LISBOA



Fels e Karyu, em luta direta e magnífica, com extraordinário ímpeto. Repare-se na posição de ambos os jogadores

Por entre a forte defesa girondina, Júlio conseguiu furar e rematar, sem resultados práticos



Karyu, em remate forte e rápido, apesar do mergulho de Bastos, marca a bola girondina. O esférico bate na face do poste e entra



Um mergulho de Astresse, com a bola muito bem bloqueada



Após o golo da vitória portuguesa na Taça Latina, a assistência delirante de entusiasmo, invade o campo, acarinha e aplaude os jogadores, e transporta-os em triunfo. Foi uma manifestação única e jamais vista no Estádio Nacional!



A defesa de Bordens lutou magnificamente. Astresse em acção, contem Ripério

NA 2.ª "FINAL" DA TAÇA LATINA BENFICA VENCEU GIRONDINS POR 2-1 APÓS 2 HORAS 26 MINUTOS DE JOGO



Astresse, um guarda-redes que deixou nome em Portugal, livra-se de um remate de cabeça de Astresse. Swiatek faz-lhe um assito e Júlio acena a taçada

O GOLO DA VITÓRIA



Após 2 horas e 26 minutos, na marcação de um canto, Astresse, carregado a tempo por Júlio, largou a bola das mãos, e Moreira enfiou-a de cabeça nas balizas para a vitória!



Eis a mesma jogada tomada um pouco depois. A bola já está colada às malhas das redes. Os jogadores portugueses não escondem a sua alegria, merecendo inteiramente este momento



O primeiro impulso dos jogadores, depois do golo que pôs termo à contenda, é abraçarem-se... São, neste instante, os homens mais felizes do Mundo!



Corona, num salto rápido, tenta apoderar-se da bola; porém, também se eleva muito bem....



Swiatek, num lance, mas perde o domínio da bola.



O sr. prof. Pires de Lima, ministro da Educação Nacional, em Coimbra, que substituiu Jacinto, a Taça Latina

1 - Sumário das Regras (Fim)

Deslocação. — Há a considerar os seguintes casos de jogadores fora de jogo:

a) — formação: enquanto a bola estiver dentro da formação, os defensores não podem colocar-se mais adiantados do que a bola;

b) — lançamento da linha: quando a bola é posta em jogo pela linha lateral, os dois campos são delimitados por uma perpendicular a esta linha e passando pelo ponto por onde a bola saiu. A bola é lançada na direcção dessa perpendicular. Todo o jogador participando na jogada e que se encontre no campo adversário, está fora de jogo;

c) — formação aberta: vigam as mesmas regras que para a formação de castigo;

d) — no decurso das jogadas o caso mais frequente de deslocação resulta da situação dos jogadores quando outro da sua equipa joga a bola a pontapé: todos aqueles que se encontrem mais adiantados do que o companheiro que pontapeou a bola e a menos de dez metros do ponto onde cal a bola, estão fora de jogo.

O jogador desloçado pode ser posto em jogo:

a) — pelo companheiro que deu o pontapé na bola quando ele, correndo para diante, alcance a linha do jogador desloçado;

b) — por um adversário, quando aquele que houver recebido a bola tenha corrido cinco metros ou se falhar a recepção.

A deslocação é castigada com pontapé livre, no local da falta, ou com formação no ponto onde a bola foi jogada pela última vez por um jogador da equipa em falta. O capitão da equipa beneficiária tem direito de opção.

Detenção. — Designa-se assim o caso do jogador agarrado pelo adversário de forma a ficar impossibilitado de jogar a bola:

a) — se o jogador detido está de pé, a bola deve ser colocada no solo, entre o jogador detido e o campo adversário;

b) — há detenção do jogador derrubado no solo quando simultaneamente a bola, o seu portador e o adversário que o deteve caem em bloco.

Depois da detenção a bola será obrigatoriamente jogada com o pé.

Área de validação: se a bola for atirada para a área de validação por um atacante e tocada ou posta no solo por um defensor, o árbitro ordena pontapé de saída aos 22 metros se a bola é levada por um defensor para dentro da área, o árbitro castiga com formação no lugar onde esse jogador tomou posse da bola;

se a bola for lançada com a mão ou com o pé por um defensor e tocada no solo da área por ele próprio ou qual-

quer companheiro de equipa, haverá formação no lugar de onde a bola foi atirada.

Carga e obstrução: há obstrução quando um jogador se opõe à acção de um adversário que não esteja na posse da bola. Considera-se obstrução o facto de placar um jogador que não tenha a bola em seu poder. Estas faltas são punidas com pontapé livre: no lugar da falta ou no ponto onde cai a bola, conforme melhor convier à equipa beneficiária.

O local de queda da bola determina-se:

1.º — no ponto de queda da bola, se ela cai dentro do terreno de jogo;

2.º — a dez metros da linha lateral e em frente do ponto de saída, se a bola cai fora do terreno pelos lados;

3.º — a cinco metros da linha de balisa se a bola cai na área de validação ou na zona morta;

4.º — a cinco metros da linha de balisa e a dez metros da linha lateral se a bola sai pelos lados da área de validação.

Nos casos extremamente graves e se o árbitro julgar que a falta impediu a marcação de ensaio, pode conceder ensaio de penalização no centro da balisa.

Pontapé de penalidade: a equipa punida deve recuar para trás de uma linha paralela à de cabeceira e distante dez metros do local da falta. A bola tem que ultrapassar esta distância e até marcação do pontapé os jogadores da equipa defensora devem conservar-se em atitude passiva.

Pontapé livre após paragem directa: considera-se paragem directa quando simultaneamente com o encaixe da bola o jogador bate com o

calcanhar no solo, nas seguintes eventualidades:

1.º — quando provém directamente de pontapé dado pelo adversário;

2.º — quando a bola provém de passe adiantado do adversário.

Toda a equipa do executante, excepto o jogador que segura a bola no solo no caso de pontapé colocado, deve estar atrás da bola no momento do pontapé e tem direito a carregar. A equipa adversária pode avançar até à paralela à linha de cabeceira que passa pelo ponto onde foi feita a marca e tem direito a carregar:

a) — no caso de pontapé colocado logo que a bola toca no solo;

b) — no caso de pontapé de ressalto ou directo, logo que o executante começa a correr ou prepara o pontapé.

Pontapé de transformação: a equipa defensora deve recuar para trás da sua linha de balisa e só tem o direito de carregar depois da bola ser assente no solo.

Se os defensores carregam antes de tempo e, quer toquem ou não na bola, esta passa entre os postes e por cima da trave, o golo é validado; se, em idênticas circunstâncias, o golo falha, repete-se o pontapé e os defensores perdem o direito à carga.

Duração do encontro: um encontro de rugby dura duas vezes 40 minutos. Nos jogos amigáveis este tempo poderá ser reduzido por acordo entre os capitães e o árbitro.

SALAZAR CARREIRA

Nota: Nos nossos artigos técnicos sobre a modalidade usaremos termos portugueses, por considerá-los preferíveis aos galicismos que esmaçam a maioria das crónicas na imprensa desportiva.

S. C.

PEROLA DO ATLANTICO

DROGARIA, PERFUMARIA E RETROZARIA

DE

A. Moreira

Praia das Maças

PAPELARIA,
LIVRARIA E
ARTIGOS
FOTOGRAFICOS
GRANDE VARIEDADE
DE BRINQUEDOS

• Telefone, 21



FÁBRICA DE QUEIJADAS

RECORDAÇÃO DE SINTRA

GREGÓRIO CASIMIRO RIBEIRO (Sucr.)

(CASA FUNDADA EM 1890)

Premiada nas Grandes Exposições Regionais de Sintra e Oeiras de 1926-1929 e 1948

Fabrico esmerado de BOLOS FINOS

AVENIDA D. FRANCISCO DE ALMEIDA

Telefone 57

SINTRA

Willie Bauld

a maravilha da temporada

NA equipa da Escócia que alinhou no Estádio Nacional frente à de Portugal formou o mais jovem profissional escocês no posto de avançado-centro. Trata-se de Willie Bauld, nascido em Edimburgo. Estreante como profissional na temporada de 1948/49, e logo considerado o melhor do seu clube, e da Liga Escocesa, com um total de 23 golos.

Controla magnificamente a bola e tem uma hábil distribuição de jogo, além de um maravilhoso sentido de colocação.

Foi por isto que Willie foi agora considerado o jogador maravilha desta temporada. O seu vencimento não é inferior a 25.000 libras esterlinas.

HÓQUEI EM PATINS

Paço d'Arcos e Benfica

TÊM DE JOGAR NOVAMENTE PARA O APURAMENTO DOS VENCEDORES NAS TAÇAS «JOSÉ CARLOS» E «DR. SANTOS PINTO»

ENQUANTO se disputava, em Milão, o campeonato do Mundo, a A. F. Sul, no louvável intuito de manter os clubes em actividade (categorias inferiores incluídas) organizou dois torneios, por um sistema inédito: para prémios instituiu as taças «José Carlos de Sousa» e «Dr. Santos Pinto». As duas equipas do Benfica e do Paço de Arcos (2.ª e 3.ª) chegaram ao final empatadas — nas duas provas — e têm agora necessidade, para apurar os vencedores, de jogar novamente.

Na taça «José Carlos» (competição final) registaram-se os resultados seguintes:

Benfica-Cuf do Barreiro, 5-1; Lisgás-Paço de Arcos, 3-2; Benfica-Lisgás, 2-2; Paço de Arcos-Cuf, 6-1; Paço de Arcos-Benfica, 3-2; Cuf-Lisgás, 2-2. Classificação: Benfica (15-8) e Paço de Arcos (11-5) ambos com 7 pontos; Lisgás, 6 pontos e 7-12; Cuf do Barreiro, 4 pontos e 4-13. E no torneio para a taça «Dr. Santos Pinto» os resultados foram: Benfica-Cuf do Barreiro, 5-2; Lisgás-Estremoz, 6-1; Paço de Arcos-Benfica, 2-2; Cuf-Estremoz, 6-0; Lisgás-Cuf, 6-6; Benfica-Estremoz, 6-0; Paço de Arcos-Lisgás, 5-0; Benfica-Lisgás, 6-0; Paço de Arcos-Cuf, 4-1; Paço de Arcos-Estremoz, 8-2. Classificação: Benfica (19-4) e Paço de Arcos (19-5) ambos com 11 pontos; Cuf do Barreiro (13-15) e Lisgás (12-18), 7 pontos; Estremoz, 4 pontos e 3-25.

A igualdade verificada ao final é realmente curiosa e significativa como índice do equilíbrio de resultados (repare-se nos golos marcados e consentidos) entre as turmas chamadas a decidir ambas as contendas num desempate... inesperado! É que, tanto o Benfica como o Paço de Arcos, tiveram o triunfo na mão: o grupo Lisboa, na taça «José Carlos», só podia beneficiar com a derrota da equipa da linha dos Estorvis, no seu último desafio, contra o Lisgás. E, com efeito, o facto deu-se! Até parece que o Lisgás fez um jeitinho...

Mas não foi assim — porque se trata, evidentemente, de um dos muitos ponderáveis do desporto. Quem havia de dizer! Na taça «Dr. Santos Pinto» a feição foi de mais equilíbrio, para ambos, mesmo no encontro entre si — com empate 2-2. E nenhum escorregou. O desempate, é bem de ver, tem ampla justificação.

Qual das duas turmas vencerá? O favoritismo inclina-se mais para o Paço de Arcos. Mas o Benfica ainda não disse a última palavra — e pode mesmo ganhar ambas as provas, hipótese, por igual, aceitável, com referência ao seu não menos valioso antagonista. Gostaríamos, porém, que os triunfos se revertssem: cada taça no seu, certo, a solução talvez melhor. Mas como as provas se ganham no recinto da luta e não por gostos (estas taças não são a votos...) a contenda decisiva dir-nos-á, com a eloquência dos números, de que lado estará a razão. Do que resta dividida é que os novos jogos Benfica-Paço de Arcos vão constituir um estimulante apropriado para o fecho da época. Em boa verdade não se desperdiçaria tanto...

J. M.

Um árbitro português em foco

Especial para «Stadium», de CANDEIAS ALVAREZ

MÁRIO DE OLIVEIRA, árbitro português radicado no Brasil há cerca de sete meses, é um rapaz modesto, afável, simpático e que em pouco tempo se ganhou a posição de destaque no seio da Colônia e entre a sociedade brasileira. Natural de Coimbra, filiado da Associação de Futebol de Aveiro, estudioso das regras, apaixonado do futebol. Mário de Oliveira era de facto o homem que nos interessava ouvir, num momento em que o Brasil se apresta para disputar o IV Campeonato Mundial de Futebol no qual tem fundadas aspirações.

Antes de iniciarmos a série de perguntas que pretendemos desferir a Mário de Oliveira, queremos informar o leitor das dificuldades encontradas por ele no campo desportivo, nos primeiros tempos da sua estadia no Rio de Janeiro. Apesar de em Portugal, por motivos particulares se haver isolado, deixando injustamente de lado a sua grande paixão, Mário tentou após a sua chegada ao Brasil ingressar no quadro de árbitros da Federação Metropolitana de Futebol, tão pobre de «referees» competentes. Lógicamente, encontrou obstáculos e quase dúvidas sobre as suas qualidades. Mas persistente conseguiu que lhe fosse dada a direcção de um encontro disputado entre o Bonsucesso e o Fluminense. A estreia foi de tal modo auspiciosa que logo a seguir foi convidado a arbitrar um Botafogo-Fluminense e em Juiz de Fora um Topy-Versus Bangu. Árbitro competente incapaz de falsear a sua missão, recto e justo foi logo após esquecido por ter expulsado três jogadores. Não permitindo a mais leve tentativa de atentado ao desportivismo Mário de Oliveira, arbitrando dentro do padrão europeu, foi enérgico quando teve de o ser e não permitiu «abusos». Logo que o seleccionado brasileiro iniciou os seus treinos, temporaneamente ofereceu-se para gratuitamente os dirigir e mais uma vez a crítica foi unânime em exaltar as suas qualidades. Ora, impunha-se arquivar a «Stadium» as suas declarações e, como bom amigo, Mário de Oliveira com o seu inseparável charuto antes mesmo de lhe desfecharmos a primeira pergunta foi-nos logo pedindo informes, e o primeiro teve para nós o efeito de nos fazer sorrir...

Nos livros de Portugal, estabelecimento português de um português de quatro costados — o conhecidíssimo e querido de todos António Pedro — Mário de Oliveira depois de lhe dizermos ao que tavamos perguntou-nos:

— O Tavares da Silva vem ao Brasil?

Surpresos com a pergunta informamo-lo de que por motivos óbvios o nosso director infelizmente não estaria presente à Copa do Mundo, e tomamos a li-

berdade de pretender saber o motivo do seu interesse: A sua resposta deixou-nos atónitos!!

— Ainda bem porque de outra forma eu acabava gastando o ordenado só para ele me fumar os charutos...

Diga-se de passagem que Mário de Oliveira também tem a sua faceta de «bonacheirão».

E enveredemos pelo caminho das perguntas:

— Que pensa você do futebol brasileiro?

— Um bom futebol. Talvez um dos melhores que tenho visto, mas com defeitos enormíssimos. O jogador brasileiro é sem dúvida um habilidoso que nasceu com a volúpia do futebol e de quem muito se pode exigir, mas tem um grandíssimo complexo: o de adorar os aplausos públicos jogando mais para a arquibancada do que propriamente para a equipa.

— Nota grande diferença entre o futebol sul-americano, neste caso o brasileiro, e o europeu?

— Existe de facto individualmente uma diferença notável, mas que desaparece quase que completamente devido às circunstâncias.

Como lhe disse o futebol brasileiro vive na base de improvisação e individualismo, enquanto o europeu, sendo o jogador menos habilidoso torna-se no entanto mais produtivo porque joga para o conjunto. E em futebol vale por vezes mais o conjunto com onze homens vulgares, do que a improvisação com onze sumidades.

— Que diferença notou você entre as arbitragens europeias e sul-americanas?

— O europeu além de mais sóbrio é de facto mais rigoroso e conhecedor no discernir das faltas. O árbitro sul-americano é mais espectacular e afora um ou outro como por exemplo Mário Viana e Melcher da Gama todos eles afinam pelo mesmo diapasão. Para isso especialmente no Brasil, muito concorrem as alterações que em tempos foram introduzidas nas leis do jogo, que eu, muito modestamente, e olhando a que o Brasil é o organizador do próximo Campeonato Mundial, tentei corrigir.

— Mas isso é um assunto muito complexo, que levaria demasiado tempo para o explicar.

— Em sua opinião quem será o novo Campeão do Mundo?

— Pergunta de difícil resposta! Em futebol tudo é possível. Os italianos não alimentam grandes esperanças mas não é de fiar. Os ingleses, apesar de se dizem em período de declínio nunca perderam a «última batalha». Os brasileiros têm aspirações justas. Confio nos três, mas creio que os britânicos voltarão com a Copa Jules Rimet. Os brasileiros têm um jogo que acho muito difícil: contra os iugoslavos.

— Pensa arbitrar futuramente

jogos do Campeonato Carioca de Futebol?

— Não! O ambiente para os árbitros portugueses, apesar de todo o amparo que a imprensa nos proporciona, não é perante o torcedor o que seria para desejar. Calcule o que seria eu, amanhã, dirigindo um encontro entre o Vasco da Gama e outro qualquer clube ou outro qualquer do qual dependesse uma melhoria de posição dos vascainos. Se os apitadores britânicos sofreram vaia intermináveis.

— E agora, uma última pergunta: Existe grande diferença entre as torcidas brasileiras e portuguesas?

— Ambas vêm o jogo com extraordinária paixão, o que bastantes prejuízos lhes ocasiona, por vezes. Os portugueses como latinos são no entanto mais moderados que os brasileiros. Por vezes todavia atingem também as raíais do inverosímil. Mas isto é mal universal. O torcedor quando entra no campo só pretende a vitória dos seus e o árbitro é sempre o «homem mau». Já havíamos tomado muito tempo a Mário de Oliveira. Mas fomo-lo avisando que mais tarde voltaríamos a aborrecê-lo com outra série de perguntas sobre o Campeonato Mundial.

Mas antes da despedida — despedida diária de quem comunga os mesmos ideais, despedida de portugueses, que nos momentos de ócio se entretêm recordando a Pátria distante — Mário de Oliveira já no fim do seu charuto tornou extensivos a todos os desportistas portugueses as suas afectuosas saudações por intermédio da «Stadium», a revista que no Rio de Janeiro o vem trazendo elucidado sobre as actividades desportivas portuguesas e que bastante o surpreendeu ao vê-la exposta em quase todas as bancas de jornais do Rio de Janeiro.

A desistência de Portugal através da Imprensa

Portugal, esse pequenino País à beira-mar plantado, cantado por poetas e trovadores, foi nestes últimos tempos o emenino bonito dos brasileiros.

O Campeonato Mundial e a possível presença dos lusos em terras do Brasil deu motivo à nascedora de uma propaganda das coisas da Nossa Terra, que nunca vimos. Portugal para a esquerda. Portugal para a direita e muita gente decorando o seu nome e glossando os seus esportes.

A imprensa pouco dada a noticiário português — muito especialmente desportivo — que na generalidade não ocupava mais que quatro a cinco linhas por uma coluna, passou de um momento para o outro a reservar-lhe manchetes e a glorificar os feitos dos clubes lusos quando em confronto com os estrangeiros.

A eliminação entre portugueses deu azo a comentários e notas sensacionais, ilustradas com vasto material fotográfico em que eram exaltadas as virtudes dos dois contendores, mas em que os portugueses eram os mais indicados como favoritos. Assistíamos a uma coisa de espantar. Os jornais — cerca de 25 edições diárias — na sua página desportiva que não falavam de outra coisa. Portugal, outrora cantado por poetas e trovadores, era o país-irmão que os brasileiros do coração desejavam ver no Brasil. Depois, chegou a eliminação e julgamos que não haveria mais, depois... O estrangeiro

estava na ordem do dia. Mas não! Cogitou-se o convite com as desistências da Escócia e Turquia. Viu-se a porta aberta por onde os portugueses poderiam entrar sem a alegação do «favorito» deprimente. E voltamos a encabeçar as edições dos jornais. Telegramas para lá, telegramas para cá! Vem ou não vêm... Todo o Mundo pediu e ninguém foi atendido. Ora a decepção foi grande. Foi enorme, mesmo. A negatiza foi como que o ruir dos castelos arquitectados.

E a Confederação Brasileira de Desportos aguardou até ao último instante a divulgação da tabela dos jogos por esperar uma resposta afirmativa dos portugueses. Fariam dois jogos no Rio de Janeiro, contra a Bolívia e Uruguai e derrotariam a França em Belo Horizonte. A imprensa dividia-se. Uns, como Ary Barroso e Geraldo Romaldo da Silva, compreendiam a nossa atitude e diziam que Portugal não podia seguir outro caminho em virtude da sua natural eliminação. Outros porém, fiados nos resultados conseguidos contra a Inglaterra e Escócia, apontavam-nos como «desertores». Foi um pandémio... Mário Polo, vice-presidente da C. B. D. lamentou a nossa atitude, mas quis torná-la ainda mais compreensiva. Olimpíadas escreveu no «Jornal dos Sports» e Paulo Monteiro, da «Folha Carioca», comparou-nos aos argentinos. Chamou-nos mais amigos. E o sr. José Brigueo apontou-nos como amigos da onça. Interessante este debate da imprensa do Brasil. Interessante para quem como nós assiste. Mas detenha desinteressante para quem não pode nem deve responder a certos ataques.

Sucedeu precisamente o que esperávamos. Se vídessemos, seríamos os melhores, mas não vindo...

Aprenda Rádio
No nosso curso por correspondência que lhe oferece ferramentas, Laboratório Portátil e Material de Rádio
Peça folhetos grátis à
RÁDIO ESCOLA
Apartado 81 — Norte
Sede, Laboratórios e Serviços Técnicos:
R. Alves Torgo, 103-2.º E.
LISBOA

Esplanada «Mar-Belo»
PRAIA DAS MAÇAS
ABERTA TODO O ANO
Restaurante, café e vinhos
Preços especiais para excursões
Esmerado serviço de mesa na esplanada, considerado um autentico miradouro do Oceano

A NACIONAL
Fábrica de malas, pastas e artigos de viagem
Aos desportistas grandes descontos
R. Eugénio dos Santos, 45-1.º
Telefone 27928
Grandes saldos de malas ao preço do custo

O capitão Henrique Calado ganhou a "Taça de Honra" do Concurso de Lisboa



O capitão Henrique Calado, no «Caramulo», vencedor da Taça de Honra transpondo 1 metro e 90

TERMINARAM as provas do 39.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa e pode dizer-se que findaram com o mesmo brilho registado logo de início e sem que, no decorrer das suas seis jornadas, houvesse qualquer de interesse, quer por parte dos concorrentes, quer por parte do público.

Na última jornada houve duas provas internacionais que terminaram com uma vitória portuguesa — a quinta — e outra para os nossos vizinhos espanhóis — a terceira —, qualquer delas obtidas com brilho, e ambas acompanhadas pela assistência com emoção e interesse.

Abriu o programa a 2.ª parte da prova «Enseño», na qual o capitão Fernando Pais, montando «Matamá» azevrou um triunfo merecidíssimo. Aproveitamos esta ocasião para dizer que este oficial é quem dirige o Curso de Mestres de Equitação e não o capitão francês Saint André como, por lapso, disseram.

A prova «Direção Geral dos Desportos disputada em percurso de estafetas por equipas de dois cavalheiros — que faziam o percurso seguidamente e aos quais se contavam os tempos e as faltas em conjunto — deu a vitória à equipa formada pelos espanhóis comandantes Nogueiras e Ordóñez, montando, respectivamente, «Frisar» e «Bohémo», que realizaram uma prova sem faltas e bastante rápida.

A prova «Direção Geral dos Desportos disputada em percurso de estafetas por equipas de dois cavalheiros — que faziam o percurso seguidamente e aos quais se contavam os tempos e as faltas em conjunto — deu a vitória à equipa formada pelos espanhóis comandantes Nogueiras e Ordóñez, montando, respectivamente, «Frisar» e «Bohémo», que realizaram uma prova sem faltas e bastante rápida.

A «Taça de Honra» que, como sempre, foi disputada em «charrages» sucessivas, sobre o obstáculo de altura, proporcionou uma boa vitória nacional visto que os cavalheiros espanhóis não lograram sequer passar da 1.ª mão da prova, isto é, nenhum conseguiu lugar nas «charrages».

A luta terminou com a vara a 1.ª, altura esta que só «Caramulo» transpôs, conduzido pelo capitão Henrique Calado, fazendo-o com um lindíssimo salto logo à primeira tentativa.

«Mondina» e «Mondiego», montados pelos capitães José Carvalhosa e Fernando Pais, alcançaram os lugares imediatos com saltos a 1.ª, 50.

De todos os cavalheiros inscritos foi o capitão José Carvalhosa o mais premiado, enquanto que a sua égua «Mondina» igualmente alcançou posição entre as montadas.

A posição dos cinco melhores cavalheiros e dos cinco melhores cavalos foi a seguinte:

1.º MONDINA	3.800 escudos
2.º VITAMEN	3.200 >
3.º FRISAR	2.450 >
4.º RASO	2.300 >
5.º BATEL	2.200 >
1.º JOSÉ CARVALHOSA	9.500 escudos
2.º DOMÍNGUEZ MANJON	4.400 >
3.º NOGUEIRAS MARQUES	5.400 >
4.º CORREIA BARRENTO	4.300 >
5.º HENRIQUE CALADO	3.700 >

Duma maneira geral todos os nossos cavalheiros se apresentaram bem a cavallo. Fes-nos pena a ausência do tenente Ferruzco que a doença de «Bajone» afastou da competição.

Gostáramos de ver este cavaleiro e ainda Rodrigo da Silveira, Barros e Cunha, Craveiro Lopes e Pereira de Almeida na posse de bons cavalos. São quatro «novos» com qualidades e valor, presentemente sem que se vejam brilhar por falta de boas montadas.

Da equipa espanhola Dominguez Manjon foi de todos o mais feliz mas veio ao de cima, a boa forma de Nogueiras e Ordóñez, principalmente montando «Frisar» e «Bohémo».

A organização do Concurso correspondeu à esportista e agrado e o mo, de resto, aconteceu todos os anos.

ANTAS TEIXEIRA



A equipa espanhola constituída pelos comandantes Ordóñez, no «Bohémo» e Nogueiras no «Frisar», vencedora da prova de estafetas do 39.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

Em Madrid

O 2.º Portugal - Espanha entre trabalhadores da F. N. A. T. e Educacion y Descanso

OS campeões nacionais corporativos de futebol, basquetebol (masculino e feminino) e ciclismo vão de abalada até Madrid, hoje, à tarde, para ali disputarem o 2.º Portugal-Espanha que, na época transacta, em Lisboa foi ganho pelos portugueses. A tarefa dos nossos representantes é desta vez muito mais difícil, pelas próprias condições da luta, em ambiente estranho e certamente muito mais favorável aos espanhóis. Mas isso não interessa, desde que os trabalhadores portugueses se comportem na capital espanhola com apuro e galhardia, contribuindo para a aproximação entre os dois países. Deslocam-se cerca de oitenta pessoas, atletas, técnicos e dirigentes.

Os grupos campeões nacionais corporativos constituídos por praticantes que só fazem desporto na F. N. A. T., após terem disputado as provas nacionais, fizeram um curto estágio na magnífica Colónia «Um lugar ao Sol» da Caparica, de que reproduzimos duas fases. Numa delas, os jogadores do Grupo Desportivo da Cass H. Vaultier fazem exercícios ginásticos no pinhal da Colónia; na outra, as jogadoras que compõem o grupo feminino de basquetebol da Cuf do Barreiro preparam-se convenientemente.



CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL



Têm passado por Lisboa as seleções nacionais que participam no Campeonato do Mundo de Futebol, que brevemente começará. A Espanha e a Inglaterra foram os últimos grupos que passaram, sucedendo-se à Jugoslávia e a outros. Publicamos três fotos que se relacionam com o Campeonato do Mundo. 1 — A selecção italiana ao sair para o Brasil. 2 — Os jogadores internacionais da Inglaterra treinam-se afinadamente e fazem exer-

cícios (da esquerda para a direita): Eckersley, Mannion, Bentley, Wright, Bally e Finney. 3 — Vista panorâmica do estádio municipal de Pacaembu, de S. Paulo, onde se disputam alguns dos mais importantes desafios do Campeonato do Mundo.



Sporting vence Campeonatos nacionais de principiantes



A equipa belenense vencedora da estafeta 4 x 1000



A equipa do Sporting, vencedora da estafeta 4 x 100



Roberto Durão, do Colégio Militar, bate o recorde do salto à vara, fazendo 3 metros 41



António Branco, do Belenenses, ganha a prova de 800 metros para selecção contra Madrid



Pignatelli, atleta do Sporting, consegue o novo máximo nacional do triplo salto, com 13 metros 43



Júlio Nunes, do Sporting, vencedor da corrida de 100 metros



Mário Guedes, do Belenenses, vencedor dos 1.000 metros

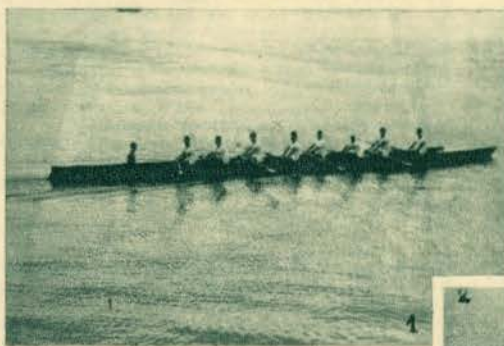


Rui Gomes, do Belenenses, passa 1^o,70 ganha a prova do salto em altura

A prova ciclista "Associação" ganha pelo Benfica e por Armando Pereira



Armando Pereira, do Benfica, em 2 h. 36 m. e 12 s., ganhou a prova «Associação» organizada pela Associação de Ciclismo do Sul para amadores-seniores e seniores, confirmando a sua excepcional categoria.



1 — A tripulação do «Yolle» de 8 da Associação Naval, vencedora da prova do «Dia do Principiante», depois de magnífica luta travada nos dois mil metros do percurso com a tripulação da C. U. F. do Barreiro. 2 — A tripulação do «out-riggers» de 4 do Grupo Desportivo dos Ferroviários do Barreiro que triunfou na regata do «Dia Olímpico».

REMO

Ao longo da muralha da Junqueira disputaram-se no último domingo as regatas do «Dia do Principiante» nas quais foram também incluídas as de apuramento para o próximo Porto-Lisboa e as do «Dia Olímpico».



OS 35 ANOS DO ALGÉS E DAFUNDO

O prestigioso Sport Algés e Dafundo está comemorando o seu 35.º aniversário. No pasado domingo, na sua magnífica piscina, organizou um festival de natação durante o qual se disputou a prova da «Meia hora» a que concorreram cinco equipas. Triunfou a equipa de Guilherme Patrone, constituída por F. Castro, João Oliveira, Leonel Gomes, Dino Mendonça e E. Perdígão, que percorreu 2.610 metros.

FUTEBOL

A Holanda foi à Suécia sofrer uma pesada derrota. Frente ao grupo nórdico, os subditos da Rainha Guilhermina foram dominados pela linha atacante sueca e, 20 minutos depois do apito inicial, Jeppson introduziu a primeira bola. Cerca da meia hora, o interior direito, Palmer, repetia a façanha mas os holandeses fizeram o único tento favorável, decorridos 120 segundos, por intermédio de Clavan.

Durante a primeira parte o grupo visitado revelou mais rapidez e maior precisão nos passes, ao contrário da Holanda cuja morosidade era notória.

Depois do intervalo, o desafio entrou numa fase de equilíbrio. A quinze minutos do termo, fizeram-se mais dois golos, da autoria de Jeppson e Nilsson, ambos em remates de fugidas súbitas.

O resultado de 4-1, favorável à Suécia, reforça as suas probabilidades de marcar boa posição no Campeonato do Mundo.

● Lavra um certo desânimo, no Brasil, por motivo da falta de coesão do seu grupo representativo. Depois dos jogos com o Uruguai já se admite a possibilidade de o vencedor ser um outro concorrente e cita-se o nome do seleccionador, Flávio Costa, como responsável pela insuficiência do grupo nacional.

● Lá, como em toda a parte, ninguém é profeta na sua casa.

TENIS

Na Rio de Janeiro, onde residia há vinte anos, faleceu D. José de Verdes, que foi o melhor tenista português de todos os tempos.

Dotado de extraordinárias faculdades para o belo desporto da raquete, podia ter atingido um valor internacional se tivesse seguido a necessária preparação e orientação, sem o que é impossível o êxito.

● Terminaram, com a inesperada vitória do equatoriano Panco Segura, os campeonatos do Mundo de tenis profissional que tiveram lugar em Cleveland (E. U. A.).

● Na semi-final Bob Riggs perdeu ante Kovacs e Jack Kramer (favorito) foi derrotado por Segura, depois de um duelo tremendo. Este conquistou a primeira partida, por 6/4 mas perdeu as duas seguintes, por 8/10 e 1/6. O esforço do americano consumiu-lhe a resistência e acabou por perder as 2 últimas, por 6/4 e 6/8.

Na final, Kovacs chegou a 6/4, 1/6, 3/6 mas quando o resultado da quarta partida era de 4/4, teve de abandonar, sofrendo de cãibras nos músculos.

● Os prováveis finalistas da Taça Davis (zona europeia) são a Suécia, Itália, Dinamarca e Polónia, já apurada. Os suecos deparam-se com as Filipinas; os dinamarqueses a França e os italianos a Bélgica.

BOXE

Agostinho Guedes, em decadência, foi vencido em Nova Bedford pelo americano «Tigers» Ted Lowry, no 6.º assalto. O árbitro interveio para suspender a refrega.

Lowry não é um jogador brilhante, pois no mês findo perdeu ante Art Henri, por pontos, e Henri está longe dos chefes de fila da categoria de esportistas.

● Resparecendo em Paris, donde esteve ausente muitos meses, o pugilista Pierre Montané derrotou Roger Baur para o título de campeão de França de leveos.

O combate foi excelente e embora o detentor se defendesse com galhardia, esteve no chão durante o 11.º assalto, perdendo a decisão por pontos.

● Em Nova-Orque, Kid Gavilán ganhou ao americano Mike Koballa, por pontos.

Em Brooklyn, o finlandês Elis Ask venceu o italiano Sanna de igual maneira e também em dez assaltos.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00



NOTAS E COMENTÁRIOS

O conflito de interesses, verdadeiramente grave, que se estabeleceu entre credores de cavalos, franceses e ingleses, está ameaçando as coudelarias britânicas. *Fala-se, sem rebuço, na situação, cujo efeito poderá destruir a reconhecida superioridade dos puro-sangues das Ilhas Britânicas em benefício dos produtos saídos de França ou — se pusermos os pontos nos is — saídos da coudelaria do Sr. Murcer Boussac, o mais sério competidor em liça.*

Em 1945, após a conclusão da guerra, os credores ingleses julgavam todos os outros países na sua dependência. Disse-o o Major Geraldo Daene, primeira figura do comércio de gado cavalor, mas os factos não demoraram em tirá-lhe razão.

Excluindo os animais especializados nas provas de curta distância (até à milha) daí em diante a superioridade quasi não oferece dúvidas. Os stays foram particularmente acarinados em França, por motivo do seu exército regular e do desenvolvimento das armas montadas, desde as guerras napoleónicas. Em Inglaterra, pelo contrário, o interesse maior esteve, sempre, nas corridas de distância curta e jamais a força armada profissional teve grandes exigências e necessidades.

As vitórias francesas na semana de Ascot — Royal Ascot — vitórias que se têm repetido com singular regularidade, não tinham causado perturbação bastante forte no espírito público. O contrário aconteceu desde que os concorrentes franceses se especializaram em cavalos velozes e venceram o Derby, Oaks e a Taça Coroação, com 48 horas de intervalo.

O grito de alarme tem toda a razão de ser. Estão em jogo milhares de dólares, pois os norte-americanos, se quiserem renovar os seus reprodutores, devem preferir os de mais brilhante reputação e, esses não são os ingleses.

Isto, só, chegaria para justificar as preocupações dos ingleses quanto ao futuro. Diante das velhas fórmulas e hábitos, em voga na Albion, ergueu-se a figura admirável de Macel Boussac, cujos métodos de criação — produto de sólido critério ou de boa sorte — têm dado resultados superiores ao sistema tradicional britânico.

Mr. Moussac demonstra a sua alta capacidade como produtor e ninguém, em Inglaterra, duvida que está em praça o futuro do hipismo nacional.

As corridas de Ascot, já concluídas a 20 do corrente, foram outra demonstração da luta de altos interesses que envolve os creadores britânicos e o inteligente proprietário francês.



A assembleia anual da Liga de Futebol de Inglaterra, realizada na semana última, aprovou medida importante aumentando de dois o número de clubes da 3.ª Divisão, tanto do Norte como do Sul.

Gillingham e Colchester são os novos concorrentes da zona boreal e Shrewsley Town e Scunthorpe and Lindsey United, a parilha de recrutados da zona setentrional.

Gillingham volta a figurar no campeonato, depois de doze anos de ausência. A propaganda que realizou para conseguir o seu desejo pode assemelhar-se às lutas eleitorais de maior importância, com desfiles de adeptos, cartazes, champagne e outras armas de persuasão.

A Liga, resolvendo passar para 24 os componentes da Terceira Divisão teve de decidir entre 20 pretendentes, mas foi necessário desempatar o escrutínio para a escolha do segundo eleito da Zona Norte. Contra o previsto o benefício caiu num clube que estava pouco votado.

É esta uma consequência desagradável do sistema e que não poucos comentários originou na imprensa britânica.

RAFAEL BARRADAS

LEITARIA PARRACHO PRAIA DAS MAÇÃS

Chá, Café, Bolos e Vinhos Finos. Temos à venda Peliculas Kodak

O FUTEBOL NA HUNGRIA



Os três heróis magiães do encontro Hungria-Checoslováquia (5-0) realizado há pouco tempo em Budapeste foram Puskos, Kocsis e Banyai que pertencem ao F. C. de Houvé. A recompensa aos vencedores foi: um caixote com latas de sardinhas, 4 contos na nossa moeda e a promoção a tenentes dos jogadores Kocsis e Puskos e a sub-tenente de Banyai. Pelos vistos, os talentos militares na Hungria também se deixam influenciar pelo futebol.

Prevenir com tempo

Foi oficialmente anunciado que a França organizará em 1951 os campeonatos da Europa de voleibol, cujos jogos serão dirigidos por diversas cidades onde a modalidade tomou maior incremento, como Cannes, Montpilhier e, naturalmente, Paris. A notícia não pode deixar de ter interesse para os portugueses que, tanto pela sua classe de jogo como pela expansão adquirida no país pelo voleibol, devem legitimamente aspirar à presença no torneio.

A França é uma nação facilmente acessível para nós e que nos oferece condições vantajosas de estadia, mas uma embaixada deste género preparava-se com larga antecedência para lhe assegurar o ótimio de condições e o máximo de rendimento.

A Federação Portuguesa deverá desde agora estudar as condições de participação e investigar das suas possibilidades para as satisfazer ou auxílios que haja de solicitar.

A preparação da equipa demanda longo prazo, porque no voleibol não basta juntar umas tantas individualidades de classe para formar um grupo satisfatório; é indispensável ligá-las em bloco sólido, analisar jogadas com antecedência e atribuir a cada um a missão a desempenhar junto dos companheiros.

A constituição da verdadeira e mais forte equipa nacional, é muito difícil; precisaríamos de contar com os praticantes açorianos, de reputação firmada, mas completamente desconhecidos na metrópole. Trazê-los a exame custaria quantia incomportável e, no entanto, talvez a sua colaboração nos trouxesse apreciável reforço.

Tudo isto e várias coisas mais, são os problemas complicados que a Federação compete resolver, o que talvez consiga na totalidade se a tempo devido iniciar o seu estudo e execução.

Não fica longe, 1951; um ano passa tão depressa, que esperar por amanhã é ver o tempo decorrido.

Dois assuntos...

OS ERROS ALARGAM-SE AO TÊNIS DE MESA...

Não é só no futebol. No hóquei em patins, honrosa excepção, disse-nos há dias um seleccionado, o correctíssimo campeão Manuel Soares, que José Praseres é um técnico autorizado e imparcial. Mas no ténis de mesa... Mas quem é o seleccionador?

Mas no ténis de mesa, dizíamos, também se procedeu como às vezes no futebol. Encontramos há dias o nosso vizinho, a Espanha, — e perdemos. Até aqui — muito bem. A Espanha poderia ter equipas mais bem apetrechadas para a luta.

Todavia, diz-se à boca pequena, e até na própria Imprensa lisboeta, que um jogador portuense tinha lugar garantido no grupo nacional. Trata-se de um elemento que alinha no conjunto do G. D. da «Cuf», do Porto, que não só deu provas anteriores como num torneio disputado contra espanhóis.

Orn, isto não está certo. Francamente — já nos parece demasiada mania! Porque se não forma, de uma vez para sempre, a verdadeira equipa nacional? Que diabo de prazer têm os homens encarregados de constituir o nosso conjunto representativo, ao colocar de fora os bons atletas, os melhores praticantes, só porque não alinham nos seus grupos, nas fileiras da sua terra?

Tem de fazer-se a campanha. Defendemos desde sempre a inclusão dos atletas mais bem apetrechados para representar o nosso país — sejam do Norte, sejam do Sul. Não nos importa que o A seja duma região e o B de outro; ou de um clube, aquele de outro. O que importa, isso sim, é dar a ideia exacta das nossas possibilidades, não ficando mal com o adversário e também com a nossa categoria.

No ténis de mesa, como em várias outras modalidades, não aconteceu assim. Lamentamo-lo sinceramente. O rapaz do Porto, da «Cuf», foi prejudicado? Fomos nós — defensores do Porto? Não! O prejudicado foi o nosso país, foi Portugal!

UMA GRANDE PROVA CARECE DE CUIDADOS...

Nós não sabemos se é verdade. Mas garantimos que se fala muito nisso. O F. C. do Porto, que tem responsabilidades grandes no futebol da sua terra e no desporto nacional, prepara-se para contar apenas com 16 jogadores para a próxima época. Por números e lugares, certamente: 2 guarda-redes; 3 defesas laterais; 4 médios; 7 avançados. Isto é o mínimo. Depois destes 16 — haverá uma equipa de amadores (acreditam, nos tempos actuais?).

Em nosso modesto entender, o F. C. do Porto pode meter-se numa camisa de 7 varas. Ou mais. Ajuda não há muito tempo, todos o sabem, eedeu o clube mais importante do Porto jogadores que lhe vieram a fazer muita falta na época fided — elementos que brilham a grande altura noutros agrupamentos.

É natural, reconhecemo-lo sem esforço, que o F. C. do Porto tenha feito uma escolha entre os elementos actuais de que dispõe. E que, depois disto, pense em elementos capazes de elevar a sua equipa aos melhores lugares. Assim — talvez a atitude tenha defesas. Contemos então, pensando nisso, pensando num possível reforço, com a «presença» do F. C. do Porto na próxima época.

Mas de onde podem surgir os jogadores de boa categoria? Os que são bons e alinham nas várias equipas nacionais, não se transferem «por dá cá dá aquela palha» — passe o plebeísmo. E do estrangeiro, só à custa de muito dinheiro e até de muito cuidado na escolha.

Logo, todos os cuidados são poucos. Ocasí que pela época adiante, lá mais para a frente, não tenhamos de lamentar o facto do primeiro clube da terra ficar só com 16 jogadores. Aquele número que se agrita presentemente no espírito do público adepto do futebol. O caso não nos interessa particularmente, sem dúvida. Mas, no papel de observador, sempre será bom ir vendo e anotando...

ASSINEM A

“Stadium”

na capital do NORTE

OS BRASILEIROS DE SANTOS PROTESTAM...

UMA vitória do F. C. do Porto sobre uma equipa estrangeira — é sempre uma vitória portuguesa. Digam o que quiserem os vencidos, e digam quanto lhes apeteça os adversários dessa mística curiosa que desde velhos tempos tem acompanhado o grande clube portuense.

Há pouco mais de uma semana, o quadro azul branco ganhou, como é de tradição, a um bom grupo de alé-m-fronteiras: — a Portuguesa de Santos. No entanto, ou através de entrevistas, ou por influência demasiado rigorosa e parcial de alguns observadores, o triunfo nortenho teve o condão de irritar. Não se sabe bem porquê — mas foi assim.

Os nossos amigos do Brasil, ao saírem do Lima vencidos, afirmaram logo que o conjunto portuense perderia com eles, e bem, noutro jogo. Modos de ver ou de ciume de quem perde?

Vamos pelo último caso. Mas além disso, o conjunto brasileiro atribuiu ao adversário uma atitude algo desleal que... talvez lhe possa caber também. Atribuiu ao árbitro uma actuação... que também desagradou aos portuenses, a ponto de se dar uma «bronca» terrível quando não cedeu um golo que seria o 2.º do F. C. do Porto. Esse tento, num desafio de Campeonato, faria correr rios de tinta...

Deste modo, as declarações brasileiras devem ser entendidas com a maior reserva. Em boa verdade, a Portuguesa de Santos, que só vimos actuar em Braga, contra o Sporting, pois no dia da sua apresentação no Lima estávamos para Espanha, — em boa verdade, dizíamos, a equipa não impressionou como outras que já nos vieram do lado de lá do Atlântico.

Deve ter perdido naturalmente, no Porto, e contra um grupo que já teve a honra de vencer o Arsenal de Londres, a First de Viena, o Austria, o Vasco da Gama e muitas outras formações de fina categoria.

Apointar um árbitro que não foi firme mas distribuiu os seus erros por ambos; queixando-se de durezas que também praticou — é querer amontoar desculpas para o resultado. Esta é a verdade. De resto, derrotar a Portuguesa de Santos é coisa ao alcance de qualquer grupo nacional. O F. C. do Porto não se exceder por certo para a bater, habituado como está a cumprir na frente de equipas que são muito superiores aos brasileiros.

Claro que não vamos aqui dizer que os santistas pouco percebem de técnica do futebol. Nada disso. A equipa, não tendo nada de extraordinária — sabe jogar. Quase todos os seus elementos conhecem os maiores segredos do futebol. Colectivamente — apresentam sem esforço um agradável fio de jogo, um sistema que nos esclarece num rápido golpe de vista sobre a sua competência nos lances, sobre a sua «altura» em vários golpes comuns no futebol. Daqui para diante — tudo vulgar.

Analisando a frio, portanto, o seu valor, e, vá lá, o seu comportamento, achamos que a série de afirmações com que se despediram do Porto correspondem antes a um desabafo. Sem razão de ser. A menos que se considerem molestados com qualquer falta de atenção por parte dos dirigentes do F. C. do Porto — coisa já de sobremesa para a urdidura de uma crítica da nossa parte.

Interessa-nos apontar que o F. C. do Porto conta nova vitória «internacional», absolutamente ao alcance das suas tradições e do seu valor presente. O resto, só de passagem merece observação da crítica.

RODRIGUES TELES

FARMACIA HIGIENICA
de HENRIQUE ALVES
Director técnico: JOAQUIM M. CORREIA

Telefone 21 Serviço permanente

Praia das Maças

Collares
M. J. C.
MANUEL JOSÉ COLLARES
CASA FUNDADA EM 1849

É O MELHOR VINHO DE COLARES
TAVARES & RODRIGUES, L. DA AZENHAS DO MAR — PORTUGAL

Curiosidades...

Ao Boaviستا F. C. foi prestada uma significativa homenagem. A equipa de honra, e especialmente os internacionais Serafim e Caiado receberam público testemunho da sua bela actividade na época que agora se conclue.

● Parece que deve desmentir-se, afinal, a ideia generalizada sobre as más relações entre o Boaviستا e o F. C. do Porto. O Boaviستا declarou que só jogaria no campo da Constituição desafios particulares. Isto prova, de certo modo, que nem tudo corria bem entre os populares clubes...

● ... Mas o presidente do F. C. do Porto esteve na festa do Boaviستا e foi ezuberante nos seus protestos de amizade ao clube do Bessa. Antes assim. Estamos certos de que este gesto do F. C. do Porto terá contribuído para eliminar a má impressão do Boaviستا, e que já se não importe de ir ao velho campo do adversário. O mais curioso: — as declarações feitas ao microfone, após um jogo desleal, por um elemento da gerência do F. C. do Porto. Tudo muda num repente...

● A equipa do F. C. do Porto tem andado pela provincia: Vila Real, Régua, Ovar... Prepara-se por certo para uma longa viagem pela Turquia, França, Itália, Bélgica, etc. — conduzida por uma agência francesa...

● O nosso camarada Alves Teixeira, belo amigo e belo jornalista, prepara-se para ir até o Brasil e Argentina. Seu pai, importante industrial no Brasil, sabem-lo, delira com esta viagem de seu filho. Este nosso camarada, camarado ao desporto portuense, tem perdido ali uma situação que contraria o seu espirito, a sua alma, mas o beneficia extraordinariamente na sua vida. Para já — boa viagem e muitas felicidades.

● Anunciou-se o «China» no F. C. do Porto. Anunciou-se apenas... Há coisas que no F. C. do Porto evitem a saída de publicidade e muita nada. Palavras, muito palavras. Santo Deus — e... cantigas que toda a gente conhece.

● O Presidente da A. de Ciclismo do Norte, Eloy da Silva, pediu a demissão. Razões fortes e justas, sabem-lo, e assim a certeza de que as entidades orientadoras da velocipédia o evitarão. Há gente a mais no ciclismo, talvez. Mas Eloy Silva não está nesse número.

● A propósito: — pretende-se que João Lourenço acompanhe Fernando Moreira ao Brasil. No Porto, porém, diz-se que há outros elementos em forma capazes de fazer boa equipa com o velocipedista nortenho.

● Os brasileiros da Portuguesa de Santos queixam-se amargamente da maneira com que o F. C. do Porto se comportou com eles. Por isso esta afirmação do jornal «Norte Desportivos». Dizem que não ficaram a conhecer a sede e o campo do clube; que não receberam nenhum director; que lhe deram 3 contos de recosta; e que só o Académico foi gentil, oferecendo-lhes um Porto de Honra. A popularidade curiosa, digna que o F. C. do Porto tem no Brasil, deve ter sofrido tratos de polé! Valha-nos, neste caso (e chepa!) a importância e amizade da senhora Paulette, lá no México...

● A nova direcção do Salgueiros tomou posse, na última quinta-feira. Esteve presente o engenheiro Alfredo Ferreira, que assinou o acto mas não ocupará o lugar de Presidente, segundo declarou. Qualquer grdo de areia emperra a máquina salgueirista.

● Continua agitada a vida da Associação de Futebol do Porto. O Conselho Fiscal e Jurisdiccional não está satisfeito e quer-se ir embora. E a Direcção? Os assuntos Varzim-Cruz-Desportivos de Portugal e Escarcario continuam a ser objecto de curiosas afirmações. O Ivo de Araújo não «dearmas». E talvez uma grande figura do futebol se esteja agora a convencer de que alguma razão estava do outro lado...

● O F. C. do Porto vai dispensar — conta-se — muitos jogadores: Valongo, Fragata, Angelo, Freitas, José Lino, Baptista, etc. Ficarão apenas com 16 jogadores a ganhar.

Naturalmente, com 16 jogadores, não poderá ter equipas para um campeonato como o Nacional. Mas estamos certos de que além dos 16 — valiosísimos elementos entrarão para o grupo de honra. Dá-se pelo menos conta disso no jornal do clube. Logo — nada de preocupações. No próximo ano, o F. C. do Porto terá uma formidável equipa!

O ITALIANO BONETTO

GRANDE VENCEDOR
DO 1.º CIRCUITO
INTERNACIONAL
DO PORTO



OS VENCEDORES — A esquerda, Carini, e Felice Bonetto, respectivamente, 2.º classificado e vencedor da prova



Ivone Simon (francesa) que se classificou com brilho em 4.º lugar, conquistando as simpatias da assistência



Romano, italiano, 6.º lugar da classificação geral



A largada dos concorrentes para o 1.º Circuito Internacional do Porto



Os desportos mecânicos parecem querer voltar a novo período de evidência. E é o Norte que como invariavelmente sucede dá a tal respeito exemplo valioso. Com efeito foram os nortenhos, e pelos vistos continuam a ser, os grandes impulsionadores dos desportos do automobilismo e motociclismo.

Agora, o Porto abalançou-se a empresa arrojada: a organização de uma corrida de automóveis, que reuniu alguns excelentes volantes portugueses e estrangeiros e se realizou no último domingo. A prova compreendia 40 voltas às Avenidas da Boavista e Epitácio Pessoa, rua da Preciosa, estrada da Circunvalação e esplanadas de Buenos Aires e São Salvador da Baía — no total de 311 quilómetros.

Organização cuidada em todos os pormenores e bons serviços prestados por elementos das Forças Armadas.

Numerosas assistência acompanhou interessadamente o desenrolar da competição, na qual se inscreveram 14 automobilistas: Carini, em *Osea*; Wisdom, em *Jaguar*; Casimiro de Oliveira, em *Allard*; José Cabral, em *Allard*; Aquiles de Brito, em *Jaguar*; Manuel Nunes dos Santos, em *B. M. W.*, madame Ivone Simon, em *Ferrari*; Maurice Tochefort, em *Simca*; Fernando Palhinhas, em *F. A. P.*; Bianchetti, em *Ferrari*; Bonetto; em *Alfa Romero*; Braco, em *Ferrari*; António Camilo Fernandes, em *Riley*; e Romano Felice, em *Cristalia Abarth*.

Entre os estrangeiros predominavam os da nacionalidade ita-

liana. E foi um italiano o grande vencedor: Bonetto, que na primeira parte da prova revelou logo superioridade. Na 5.ª volta, porém, cedeu o primeiro posto a Carini, descendo para o quarto, sendo nesta altura que se registou a desistência de José Cabral, o hábil automobilista português.

Carini, outro italiano, prosseguiu no comando, tendo na sétima volta realizado a média de 105,750 quilómetros horários.

Na nossa volta, porém, foi ultrapassado por Bonetto, que, a despeito dos esforços do mais directo adversário, jamais abandonou a cabeça da prova, enquanto para os lugares de honra se travava igualmente boa luta, que por vezes empolgou a assistência.

Registou-se a seguinte classificação:

1.º, Bonetto, 2 h. 40 m. 15 s. (média horária de 116, 482. Bonetto fez na 38.ª Volta mais rápida da corrida); 2.º, Carini, 2 h. 41 m. 19,6 s.; 3.º, Wisdom (inglês), 2 h. 43 m. 15 s.; 4.º, Ivone Simon (francesa), 38 voltas em 2 h. 40 m. 39, 49 s.; 5.º, Nunes dos Santos (português), 37 voltas em 2 h. 40 m. 39,89 s.; 6.º, Romano (italiano) 36 voltas em 2 h. 40 m. 54,04 s.; 7.º, Fernando Palhinhas (português), 35 voltas em 2 h. 42 m. 39,07 s.; 8.º, Camilo Fernandes (português), 34 voltas em 2 h. 44 m. 59,66 s. a.

Excelente a classificação de madame Ivone Simon, que se creditou da média de 110,839. O primeiro dos portugueses, Nunes dos Santos, realizou a média de 107,431.

F. Bonetto, italiano, comanda a prova, seguido do seu compatriota Carini